

Maria Aparecida De Oliveira Silva
(Universidade de São Paulo, Brasil)

Resumo

A Segunda Sofística representa um aspecto interessante da história greco-romana dada sua relação com a literatura, a história, a filosofia, a política e com as questões culturais no Império. Dessa maneira, neste artigo, discutiremos a respeito das interpretações modernas sobre a Segunda Sofística, inquirindo se ela representa um movimento, um fenômeno ou uma exagero.

Palavras chave: Filóstrato, Retórica. Sofistas, Segunda Sofística, Literatura Greco-romana

Abstract

The Second Sophistic represents an interesting aspect of the Greco-Roman history due to its relationship with literature, history, philosophy, politics and with cultural matters in the Empire. Thus, this article aims to discuss about the modern interpretations on The Second Sophistic, inquiring whether it represents a movement, a phenomenon or an exaggeration.

Key words: Philostratus, Rhetoric, Sophists, Second Sophistic, Greco-Roman Literature

Resumen

La Segunda Sofística representa un aspecto interesante de la historia Greco-romana dado por su relación con la literatura, la historia, la filosofía, la política y con los asuntos culturales en el Imperio. Así, en este artículo, nosotros hablamos sobre las interpretaciones modernas en la Segunda Sofística, mientras inquiriendo si representa un movimiento, un fenómeno o una exageración.

Palabras clave: Retórica, Sofistas, Segunda Sofística, Literatura Greco-romana

Recepción: 09/04/2007

Evaluación: 04/05/2007

Aceptación: 11/06/2007

Habitados à inserção de literatos em sua sociedade, desde o terceiro século antes de Cristo, romanos convivem com temas e estilos literários dos gregos. Registros revelam que os filhos do Lácio conheceram a primeira tradução de Homero feita por Lívio Andrônico[1] já no século III a.C. Ainda que, no primeiro século antes de nossa era, tenha passado por uma época de rupturas com as constantes guerras alimentadas por uma elite contrária à sua aristocracia senatorial do final da República até a instituição do Principado, a tradição literária

grega mantém-se no imaginário dos intelectuais romanos. Em paralelo, vemos a literatura latina expandir seus horizontes alimentando-se em terras gregas, o que não significa que sua produção tenha sido uma mera reprodução da literatura grega.

As inúmeras ações de Augusto para equilibrar as relações entre eles e os outros, isto é, a garantir harmonia em suas políticas interna e externa é um dado importante para a formação desse universo literário no Império. A relativa *Pax Romana* favorece o imperador Augusto a fomentar atividades literárias e artísticas como demonstração de paz e de poder. Em particular, o salto dado pela produção literária grega do Principado até a época dos Antoninos impressiona não apenas pelo considerável aumento no volume de obras escritas, mas pela dimensão territorial que adquire, envolvendo regiões distantes e diversas etnicamente em torno de idéias e de estilos literários gregos.

As questões então se abrem para o entendimento de como um povo dominado consegue expandir sua cultura literária, e ainda contar com a admiração e o incentivo de seus dominadores? Em busca de um entendimento desse fato, alguns pesquisadores, embasados em teorias de absorção cultural, sugerem que essa projeção literária grega no Império ocorre em função da superioridade cultural dos gregos; como se tratasse de uma lei da natureza ou divina, onde o meio mais culto tende a sobrepor-se ao menos culto, simplesmente por uma excelência cultural que desperta no dominado um sentimento de que a salvação de seu intelecto encontra-se no aprendizado das práticas culturais do dominante.

Algo bastante interessante para a Europa imperialista explicar sua dominação nos demais continentes como uma missão civilizatória, que, ao enriquecer o mundo abstrato de seu colonizado, recebe em troca toda sua produção, assim, locupletando o mundo material da metrópole em detrimento do da colônia. Sob essa égide, para essa vertente historiográfica eurocêntrica, no caso do Império romano, os gregos inverteram sua posição por conta de sua competência intelectual, isto é, o aprendizado das letras e das ciências fascinou os romanos a ponto de tornar os gregos vencedores sem que houvesse necessidade do uso das armas. Aqui podemos ver claramente a manipulação intelectual no sentido de associar a dominação de um povo pelo outro a uma ação pacífica, como consequência de sua desenvolvida inteligência.

Cientes dessas distorções interpretativas, alguns estudiosos da Antigüidade realizaram novas leituras, denominadas de pós-coloniais, nas quais revelam o uso e a manipulação desses trabalhos no favorecimento da ideologia colonizadora dos Estados-nacionais europeus do final do século XIX até meados do século XX. A principal contribuição de suas análises está na relativização do conteúdo da escrita produzida durante o Império romano, em outras palavras, em ver que um mesmo texto pode conter elementos laudatórios tanto como críticos à política romana. Vemos procedimento similar ocorrer com a arte renascentista, outrora vista como estritamente associada à ideologia da nobreza e do clero, mas que, ao ser reavaliada por especialistas interessados em formas antes desconsideradas, passou a ser admirada também por seu viés contestatório.

O fato é que, após três séculos da dominação romana em solo grego, os ditos descendentes de Héracles e de Teseu retomam a escrita literária de seus antepassados, e promovem a

propagação dos estilos e das temáticas desenvolvidas na Grécia antiga. Nomes como Plutarco, Dião Cássio, Arriano, Pausânias figuram no cenário literário do Império com suas obras e palestras. É interessante notar que o segundo século de nossa era reúne em um mesmo centro intelectuais de diversas localidades do Império que pleiteavam uma identidade cultural através de suas atividades literárias. Nelas, percebemos o gosto desses intelectuais pelos hábitos e costumes gregos, como sua própria dedicação aos estudos literários, filosóficos, históricos etc., para demonstrar seu modo de ser grego.

Nesse caldeirão literário, fervem pensamentos atribuídos aos gregos, mas em sua maioria, escritos por membros de diversas sociedades que se viam como herdeiros dessa cultura, embora habitassem em terras distantes do continente grego. A esse despontar da tradição literária grega foi dado o nome de Segunda Sofística, expressão cunhada por Flávio Filóstrato. O termo aparece pela primeira vez na obra filostratiana *Vida dos Sofistas*[2], datada entre os anos de 231 e 237 d.C., e desperta a imaginação e a curiosidade dos estudiosos sobre o sentido dessa nomenclatura. Não obstante as muitas discussões sobre a essência e a finalidade da Segunda Sofística no Império, estudiosos concordam que a Primeira Sofística teve seu berço na Grécia clássica, embora vejam em diferentes níveis a sua influência na sofística surgida à época imperial.

Os diálogos de Platão servem de principal diretriz para o entendimento dos pesquisadores sobre a prática dos primeiros sofistas gregos, dentre eles, o mais citado é *Górgias*, datado entre 393 e 387 a .C. O interesse dos pesquisadores nessa obra está em situações descritas no diálogo, as quais apresentam debate sobre o fazer sofístico. Nela, a personagem central do diálogo, Górgias de Leontinos, é retratado como um indivíduo preocupado em vencer nos tribunais, alicerçado apenas em seus conhecimentos da arte retórica, indiferente aos valores morais no momento da contenda. Mas, como Jaime Bruna escreve: “Este diálogo tem por assunto a oratória. Dela não trata como um manual de retórica; estuda-lhes o valor como programa de educação e instrumento de ação política [...] O fito da obra, é, com efeito, mostrar que a formação cultural alicerçada exclusivamente na eloquência política, ao invés de educar, destrói todo o senso moral”[3].

As acertadas conclusões de Bruna podem ser constatadas na seguinte fala de Sócrates, registrada no diálogo platônico:

Ora, eu, quando dizias isso, supunha que a oratória jamais seria uma coisa injusta, porque tratava invariavelmente da justiça; como, porém, pouco depois dizias que o orador podia servir-se da oratória também para fins injustos, assombrei-me; os termos me pareciam discordar entre si; por isso me manifestei daquela forma: se achavas, como eu, vantajoso ser confutado, valia a pena o debate; caso contrário, que o abandonássemos. Mais adiante, em nosso exame – tu mesmo o vês – concluímos, ao invés, que um orador é incapaz de usar da oratória para fins injustos e de querer delinquir. (*Górgias*, 461a-b)[4]

No entanto, a figura de Górgias de Leontinos com sua retórica sem fundamento racional, e voltada para a defesa de um argumento, ainda que vago, com o escopo de atender somente sua necessidade primeira de vencer uma ação na justiça, parece ser a única imagem gerada pela retórica grega, quer para os antigos romanos quer para muitos de nós. Pois o trecho em

epígrafe não é sequer citado pelos comentaristas quando ilustram o “caráter enganoso” da arte retórica cultivada não apenas do período clássico grego, mas à época imperial. Tais assertivas fundamentam-se em outras falas de Górgias como as transcritas abaixo:

A razão, Sócrates, é que, nas demais artes, toda a proficiência reside, por assim dizer, no trabalho das mãos e em operações congêneres, mas nenhum manuseio dessa natureza é próprio da oratória; sua atividade e operação se realizam toda por meio de palavras. Por isso considero a oratória a arte da palavra uma definição, correta, asseguro-o (450b-c)

Ao poder de, pela palavra, convencer os juízes no tribunal, os senadores no conselho, os eclesiastas na assembleia e em todo outro ajuntamento onde se congreguem cidadãos. De fato, com esse condão, escravo teu será o médico; escravo teu, o mestre da ginástica e, como se verá, o tal financista estará produzindo riqueza não para si, mas para ti, que tens o dom de falar e convencer a massa (452d-e)

As passagens citadas indicam um diálogo sobre a natureza da retórica nos planos ontológico e teleológico já na Grécia clássica, o que, a nosso ver, revela em sua essência os pontos positivos e negativos dessa arte, ao mesmo tempo em que demonstra uma certa pluralidade na prática dos sofistas. Os pontos favoráveis a ela é a possibilidade de defesa de um argumento pela palavra, não mais pelo uso da violência, e ainda a participação dos cidadãos nas querelas cívicas, não mais centradas na figura de um governante. O seu aspecto negativo encontra-se na argumentação leviana ou injusta escondida sob as vestes de um discurso bem elaborado, em troca de uma quantia significativa de dinheiro.

Enfim, se por um lado, há sofistas que não observam a verdade/justiça em suas reflexões, e empregam a técnica retórica para fazer vencer o argumento injusto; por outro, há aqueles que ponderam sobre a justeza de seus discursos, fazendo prevalecer a verdade, e com isso, a justiça. Sócrates não se coloca contra a retórica, mas sim contrário ao mal uso que se faz dela em larga escala, portanto, convém olhar com cautela definições que se pretendem absolutas sobre a sofística grega no sentido de associá-la unicamente a um jogo de palavras enganosas.

A escolha do diálogo platônico *Górgias* pelos pesquisadores não é por acaso, pois temos muitos outros diálogos platônicos que trazem reflexões sobre a atuação dos sofistas[5]. Nessa preferência, vemos a influência da obra filostratiana *Vida dos Sofistas*, datada de 237 d.C., nas avaliações dos modernos sobre as duas sofísticas. Filóstrato além de descrever a antiga sofística também aponta Górgias como seu precursor:

A antiga sofística tinha sua retórica atrelada à filosofia, tratando dos mesmos assuntos dos filósofos, contudo, enquanto esses colocavam suas questões com astúcia e pouco desenvolviam suas investigações, dizendo nada conhecer; o antigo sofista, mesmo que não conhecesse bem o tema, mostrava-se um profundo conhecedor da matéria [...] E quando os antigos sofistas tratavam de questões filosóficas prolongavam seus discursos de maneira prolixa, discorrendo sobre a virtude, sobre a justiça, sobre heróis e deuses e sobre a formação do universo [...] Essa antiga sofística teve Górgias de Leontinos como seu iniciador (*Vida dos Sofistas*, 480-481)[6].

Notamos ainda que Filóstrato e sua *Vida dos Sofistas* desempenham semelhante influência nos estudiosos da Segunda Sofística, pois Filóstrato nomeia esse momento de renascimento

da retórica grega e de suas temáticas; e como no citado diálogo platônico, reproduz e reforça a imagem dos retóricos como homens ocupados em conferir credibilidade a suas belas palavras sem conteúdo, o que pode ser depreendido da passagem a seguir:

Não podemos chamar de nova a sofística vinda após, mas de antiga, então o melhor nome seria segunda sofística, pois em ambas os oradores representavam as figuras do pobre e do rico, do nobre e do tirano, e de outros assuntos, como se as situações reais fossem, a fim de que suas histórias se tornassem verossímeis (*Vida dos Sofistas*, 481)

Portanto, por estabelecer correspondência entre os sofistas gregos da Grécia clássica e os do período romano, Filóstrato nomeou de Segunda Sofística esse momento em que um conjunto de retóricos, filósofos e outros intelectuais desponta nos séculos II e III d.C. No entanto, nessa mesma obra, Filóstrato declara que os gregos antigos reconheciam na sofística uma pluralidade de sentidos, que ora se relacionava com a retórica e ora se imbricava com a filosofia. Assim Filóstrato descreve tal aproximação feita entre oradores sofistas e oradores filósofos:

os antigos gregos nomeavam sofistas não apenas aqueles oradores hábeis que brilhavam por sua eloquência, mas também os filósofos desenvolvidos na apresentação de suas teorias (*Vida dos Sofistas*, 484)

A confusão dos antigos gregos de chamarem filósofos e oradores de sofistas evidencia o alcance da escola retórica, que de forma alguma estava circunscrita ao palco jurídico das assembléias, mas figurava em muitos outros campos do conhecimento. Certo é que Filóstrato não concordaria com nossa definição, pois segue seu relato afirmando:

(os filósofos) dedicavam-se essencialmente aos estudos filosóficos, já que não eram sofistas, mas, porque pareciam ser, sustentavam tal fama (*Vida dos Sofistas*, 484)

O cuidado de Filóstrato em separar o fazer retórico do filosófico suscita a idéia de que tal como a retórica a filosofia estava associada ao falso, a argumentação imprecisa. Preocupação que se justifica pelo deslocamento do pensamento filosófico grego para uma sociedade cuja tradição filosófica era inexistente e que por conta disso arcava com o ônus da diferença cultural. Como sabemos, a intolerância frente a diferenças culturais leva a desqualificação do outro, através da inversão de valores; no caso da filosofia grega, retiram dela suas qualidades e a colocam no plano do enganoso. Dessa maneira, ao registrar os nomes e as ações dos sofistas antigos e os da segunda geração, Filóstrato delimita seu conjunto, separando-os dos filósofos, o que pode ser interpretado como uma defesa da filosofia grega. Esta sim, distante dos discursos vazios e próxima do verdadeiro conhecimento que não engana, investiga.

Contudo, por ter cunhado o termo Segunda Sofística, não é por esse prisma filosófico que os pesquisadores de nossa era interpretam a obra de Filóstrato, o que predomina é análise das vidas dos retóricos, de suas técnicas, como veremos nas páginas seguintes. Em suma, os aspectos valorizados nessas obras são aqueles que evidenciam a habilidade dos oradores atenienses de criar uma ilusão narrativa, observando elementos como argumento, disposição dos pensamentos, a escolha correta dos vocábulos, a memorização da fala e a apresentação do discurso, conforme os preceitos contidos na *Retórica*, de Aristóteles. Porém, há uma pergunta

que persiste: seria a Segunda Sofística uma continuidade da sofística grega do século de Péricles?

A generalização que se fez dessa expressão filostratiana desloca o eixo do debate acerca de sua definição, pois aquilo que nós denominamos de Segunda Sofística apresenta diferentes facetas, e dentro dessa variação suas definições se tornam insuficientes para abranger suas gradações. As objeções entre os estudiosos da Segunda Sofística, como bem apontou Vito Sirago, estão estribadas em quatro pontos importantes à sua compreensão. O primeiro problema emerso é como demarcá-la no tempo e no espaço; da mesma forma, a caracterização da Segunda Sofística, bem como a enunciação de seus atributos também se mostram problemáticas. O terceiro ponto controverso está em situá-la no âmbito histórico, e por último, a complexidade em se apontar os elementos que indicam a permanência da Segunda Sofística ao longo dos séculos, aliada à questão da utilidade e da eficácia dela no contexto imperial romano[7].

Às questões das delimitações temporal e espacial, Sirago insiste no fato de ser a Segunda Sofística um “fenômeno universal” no Império, cuja fase embrionária foi vivida na Ásia entre os séculos IV e V a.C. Então nos perguntamos: qual a natureza desse fenômeno? O autor nos responde: um fenômeno da cultura retórica, em que a palavra desempenha o papel central, sendo o seu maior atributo. Por ser um fenômeno cultural, a Segunda Sofística conhece diferentes fases, em um sentido evolutivo, de estudos para a compreensão e o desenvolvimento da arte retórica. Quanto ao nome empregado “Segunda Sofística”, Sirago afirma ser uma convenção estabelecida pelos estudiosos modernos a partir da obra de Filóstrato[8]. Com essas afirmações do autor, depreendemos que esse fenômeno não pertence nem ao campo da história e nem da literatura, mas da cultura, no sentido de que a Segunda Sofística é o resultado da recepção e da repetição de práticas tradicionais. A incorporação desse fenômeno pela classe aristocrática romana do século II d.C., detentora do poder político e econômico, traduz um movimento dessa classe dirigente de absorver manifestações culturais periféricas desde que consoantes com a política imperial[9].

As indagações e repostas de Sirago arroladas acima sintetizam o debate sobre a Segunda Sofística presente na historiografia de nosso tempo. Apenas uma questão fugiu ao raciocínio do autor: a Segunda Sofística realmente existiu? Ou se trata de uma invenção retórica de Filóstrato? Voltaremos a essas duas proposições nas próximas páginas, no momento, vamos aos debates de outros estudiosos em torno da problemática levantada por Sirago. Como veremos, muitas são as interpretações a respeito delas, semelhantes em alguns aspectos e divergentes em outros, mas que contribuem sobremaneira para o seu repensar.

Ancorado na classificação de Filóstrato, segundo a qual os sofistas eram intelectuais oriundos de nobres famílias do período imperial romano, Bowersock critica, em seu prefácio, os estudos que situam a Segunda Sofística na história da literatura grega, observando que o movimento sofista pertence à história do Império romano[10]. Esse movimento representaria um momento de *oikouménê*, ou seja, de integração entre gregos e romanos, refletido na adoção de diferentes tradições antiquaristas e arcaicas, com o predomínio de escritos cujas

temáticas remetem ao período clássico da história grega e à época da República romana, em particular o das Guerras Púnicas. A preferência por tais assuntos, segundo o autor, evidencia um movimento nacionalista de membros das elites cultas gregas e romanas em busca de poder político. Não por acaso, as cidades gregas em que o movimento se fez mais presente, como Atenas, Esmirna e Éfeso, tornaram-se grandes centros reestruturados econômica e juridicamente somente por abrigar os sofistas e suas influentes famílias[11].

A prosperidade econômica das cidades da Ásia Menor, onde se concentrou o movimento sofista também é visto por Bowie como fator determinante para a formação de uma elite cultural grega nessa região. O movimento da Segunda Sofística fez-se possível em virtude do crescimento da participação grega na política imperial, por intermédio de cargos recebidos do Imperador. Como Bowersock, o autor reconhece na escolha dos sofistas por temáticas que remontam o período clássico da história grega uma manifestação política, acrescentando que esses dividiam sua simpatia pela Atenas clássica e a saga de Alexandre[12]. No entanto, Bowie discorda de Bowersock quanto ao grau de comprometimento dessa literatura com a política imperial, para o autor, esse movimento sinaliza o descontentamento dos gregos com sua situação no Império, uma vez que se distanciam de seu contexto presente para alienar-se em um passado glorioso[13].

Um pouco mais de uma década após a publicação supracitada, Bowie escreve outro artigo debatendo diretamente com as conclusões de Glen Bowersock sobre a Segunda Sofística. O autor contesta sua afirmação a respeito da proeminência social e política dos sofistas no Império; em primeiro lugar, critica o uso apenas do testemunho de Filóstrato para o estudo da Segunda Sofística; em seguida, lembra que tal assertiva nasce da equivocada teoria de Bowersock de que esse movimento pertenceria ao campo da História e não da Literatura Grega, como vimos antes[14]. Para comprovar o exagero de Bowersock sobre o *status* dos sofistas, ao findar seu artigo, Bowie apresenta um apêndice com nomes e uma breve biografia dos sofistas oriundos da “classe média”, como Secundo de Atenas, Quirino de Nicomédia e Apolônio de Náucratis[15]. Em outro artigo, o autor esclarece que o envolvimento político dos sofistas ocorria somente quando havia o interesse de aconselhar o imperador sobre assuntos relativos a suas cidades de origem[16].

Alguns anos depois, Bowersock escreve verbetes para *The Cambridge History of Literature*, nos quais podemos ver que o autor reafirma sua assertiva sobre o movimento da Segunda Sofística ser um produto da história política romana. Em sua avaliação, a Segunda Sofística representa um movimento daqueles intelectuais herdeiros de uma tradição retórica grega, que retomam os mitos e as histórias gloriosas da Grécia antiga, declamando-as em locais públicos[17]. No entender de Bowersock, as diretrizes teóricas das narrativas desenvolvidas durante a Segunda Sofística fundamentam-se na teoria exposta no diálogo platônico *Górgias*. A Segunda Sofística ainda dependeu dos debates sustentados por intelectuais do período helenístico para que se construísse um propício cenário para o seu surgimento. O grande diferencial desse movimento à época imperial, conforme Bowersock, estaria na boa reputação dos sofistas no quadro político romano e em sua notoriedade na área literária, dado que conviviam com a elite romana[18].

A marca política dos escritos produzidos durante a Segunda Sofística é percebida em vários autores consultados, no entanto, as interpretações variam quanto à intenção dos sofistas. Há um estudo prosopográfico de Antioco da Cilícia e de alguns parentes atenienses de Tibério realizado por Avotins que levanta a hipótese da ascensão e a fama dos sofistas serem condicionadas ao seu contexto político. Avotins serve-se dos exemplos de Demóstrato, Praxágoras e de Júlio Teodoto, inimigos de Herodes Ático, para afirmar que esses não se projetaram na literatura imperial por causa da influência política de seu adversário, ainda que seus nomes apareçam em inscrições áticas[19]. Contudo, nesse episódio narrado por Avotins, entrevemos a limitação desse poder, pois se ele impede que a obra não caia em circulação no Império, ele não consegue evitar sua divulgação em um pequeno círculo de intelectuais.

Embora Luciano de Samosata, como nos mostra C. P. Jones, tenha sido vítima de perseguição em razão de seus ataques aos costumes romanos à época do imperador Adriano, sendo reabilitado somente pelo imperador Cômodo[20], na introdução de seu livro *Culture and Society in Lucian*, C. P. Jones contraria a opinião de autores que reconhecem em Luciano um crítico da política imperial romana. Nas páginas seguintes, Jones indica que o escopode Luciano não era a crítica à política imperial, mas colocar luz sobre a manifesta desigualdade social em Roma, contrastando a pobreza à riqueza sob a perspectiva filosófica, e não atacando o poder central romano. Um indício bastante claro dessa postura de Luciano, segundo o autor, era a escrita de obras em sua defesa quando acusado de ser inimigo do Império[21].

Alheios aos acontecimentos políticos de seu tempo, e praticantes do estilo retórico, os sofistas mantinham-se distanciados das questões políticas e centravam suas atenções no estilo de sua escrita, conforme nota Reardon. Grande parte dos escritores da Segunda Sofística seguiu de perto o modelo retórico ático em suas narrativas históricas dos eventos mais importantes da Grécia clássica e arcaica, havendo ainda entre eles uma disputa entre o estilo nascido em Atenas (aticismo) e o praticado nas cidades da Ásia Menor (asianismo)[22]. Autores como Polemão, Herodes Ático e, sobretudo, Élio Aristides respondem pela divulgação da escola retórica grega, bem como pela continuação do ensino dos exercícios escolares, isto é, os *progymnasmata* ao longo dos séculos[23].

A Segunda Sofística é vista como um fenômeno cultural-identitário dos gregos no Império romano, de acordo com Whitmarsh, também relacionado à “linguagem do exílio”. O autor esclarece que alguns escritores do período imperial edificam não uma identidade, mas identidades gregas, pois suas concepções identitárias correspondem a um processo de interação entre o indivíduo e a sua cidade. A Segunda Sofística é definida pelo autor com um fenômeno sustentado por um pequeno grupo de intelectuais gregos, advindos da parte oriental do Império, que se destacavam por deter acurados conhecimentos de retórica, e de apresentar pleno domínio da fala e da escrita áticas[24]. Dentro desse fenômeno, havia um grupo de exilados que intentava além da construção de uma identidade literária grega, o estabelecimento de uma autoridade cultural dos gregos frente aos demais povos. As diretrizes desse grupo repousam não somente em suas estratégias de auto-representação, mas ainda no decisivo contexto da Segunda Sofística que representa a expressão de um momento de

reinvenção da literatura e dos valores praticados na Atenas clássica[25].

A época imperial romana em que se situa a Segunda Sofística é nomeada por Graham Anderson de “Renascença Grega”, distintiva por abrigar intelectuais gregos submetidos às leis imperiais, e que encontram em sua arte um meio de acomodação por inserir nelas suas glórias do passado[26]. No entanto, é preciso estar atento a essa literatura, em virtude da manipulação dos fatos ser um instrumento utilizado para adornar sua narrativa, como de demonstração de habilidade retórica[27]; por esse motivo, os sofistas preferem histórias carregadas de crueldade e de sofrimento que viabilizam o uso de recursos estilísticos caros à arte retórica[28]. Por serem homens cultos, esses intelectuais se deparam com um sistema de patronagem apto à absorção daqueles com aspirações políticas, daí a relação direta deles com a elite política romana, mas sua sobrevivência nessa política dependia de sua capacidade de redigir discursos flexíveis e ambíguos[29].

Todavia, a participação na vida política romana não atendia as pretensões desses sofistas do renascimento literário grego, que pretendiam imprimir um significado pedagógico aos seus escritos. Anderson entende que o fenômeno da Segunda Sofística vincula-se estreitamente com a noção de *paidéia* no Império, já que a sociedade romana encontrava-se dividida em duas categorias educacionais: a dos educados (*pepaideuménoi*) e a dos não-educados (*apaídeutói*). A literatura sofística seria um instrumento para a transmissão de conhecimentos e para a formação dos cidadãos romanos, o que se tornava também um traço de diferenciação entre eles, já que essa sociedade estava claramente dividida entre *honestiores*, os cidadãos ilustrados, e *humiliores*, os ignorantes[30].

Marcado por um cenário intelectual dominado por gregos e romanos, assim Verger descreve o contexto social do Império romano no século II d.C. Do lado grego, ao autor cita os nomes de Dião de Prusa, Luciano de Samósata e Élio Aristides; do lado romano, Frontão, Aulo Gélcio e Apuleio. Em sua interpretação, romanos e gregos partilhavam dos mesmos preceitos literários, e representavam a mesma corrente intelectual denominada Segunda Sofística. O tal renascimento literário grego é algo que não convence Verger que intenta demonstrar que a atuação dos romanos na literatura imperial não se distanciava da grega em seu estilo e conteúdo[31]. O mais interessante em sua reflexão sobre a Segunda Sofística é que o autor coloca a literatura latina no mesmo nível da grega, afirmando que os escritores latinos dos séculos I e II d.C. também seguiam as diretrizes desse fenômeno cultural[32].

Na leitura de Brunt, os estudiosos atribuíram à Segunda Sofística proporções maiores que as reais na questão retórica, confundindo a categoria dos oradores judiciários com a dos oradores sofistas. Sem considerar essa distinção proposta pelo autor, os pesquisadores exageraram em suas análises sobre a influência dos oradores sofistas nas vidas cultural, social e política de Roma[33]. Brunt contesta as teorias que apontam os sofistas desempenhando importantes papéis na política romana. O autor lembra que exemplos como os de Herodes, Arístocles e Antípatro, eleitos côsules, revelam que esses intelectuais não dependiam de sua literatura para alcançar um posto político no Império, uma vez que pertenciam a opulentas famílias gregas[34]. Então qual seria a finalidade da literatura produzida na Segunda

Sofística? Brunt nos responde que a filosofia, pois os filósofos ocupavam o centro das atenções dos intelectuais, suplantando os oradores judiciários e os sofistas[35].

Então, ao findar nossa exposição, nos perguntamos: o que foi a Segunda Sofística um movimento literário e político, um fenômeno cultural-identitário ou um exagero historiográfico? A resposta mais plausível nos parece ser a de que não passa de um exagero tanto historiográfico como também literário, pois, como Foucault nos alerta, tratase da necessidade dos estudiosos de construir uma linha evolutiva que dê um senso de continuidade aos acontecimentos humanos, fato que ocorre para facilitar sua compreensão e ainda para a valorização da tradição dentro de uma perspectiva da longa duração[36]. Pensamentos que nos fazem meditar sobre como nossas práticas podem não ser tão antigas quanto parecem ser.

FONTES

PHILOSTRATUS. *Life of Sophists*. Transl. W. C. WRIGHT, London / Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 1952.

PLATÃO. *Górgias*. Tradução, apresentação e notas de J. BRUNA, Rio de Janeiro, Bertrand, 1989.

BIBLIOGRAFIA

I. AVOTINS, “Prosopographical and Cronological Notes on Some Greek Sophists of the Empire”, *Classical Antiquity*, 4 (1971), 67-80.

G. W. BOWERSOCK, *Greek Sophists in the Roman Empire*, Oxford , Clarendon Press, 1969.

_____, “Philostratus” e “Elio Aristides”, *The Cambridge History of Literature*, I, (1985), 655-661.

_____, “Plutarch”, *The Cambridge History of Literature*, I (1985), 665-669.

E. L. BOWIE, “Appolonius of Tyana: Tradition and Reality”, *ANRW*, 16.2 (1978), 1652-1699.

_____, “Greeks and their Past in the Second Sophistic”, *Past & Present*, 46 (1970), 3-41.

_____, “The Importance of Sophists”, *Yale Classical Studies*, XXVII (1982), 29-60.

J. BRUNA, “Apresentação”, In: PLATÃO, *Górgias*. Tradução, apresentação e notas de J. BRUNA, Rio de Janeiro, Bertrand, 1989, pp. 7-46.

P. A. BRUNT, “The Bubble of the Second Sophistic”, *Bulletin of the Institute of Classical Studies*. 39 (1994) 25-52.

E. CIZEK, “La littérature et les cercles culturels et politiques à l’époque de Trajan”, *ANRW*, 33.1 (1989), 3-35.

M. FOUCAULT, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, São Paulo, Martins Fontes, 2000.

A. GRAHAM, “The *pepaideumenos* in Action: Sophists and their Outlook in the Early Empire”, *ANRW*, 33.1, (1989) 79-208.

_____, *The Second Sophistic: a Cultural Phenomenon in the Roman Empire*, London / New York , Routledge, 1993.

_____, “Lucian: a Sophist’s as Sophist”, *Yale Classical Studies*, XXVII (1982) 61-92.

C. P. JONES, *Culture and Society in Lucian*, Harvard/ Cambridge / London , Cambridge University Press, 1986.

_____, “Two Enemies of Lucian”. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 13, 4 (1972), 475-487.

B. P. REARDON, *Courant Littéraires Grecs de IIe et IIIe siècles après J.-C.*, Paris, Les Belles Lettres, 1971.

P. SCHUBERT, “Philostrate et les sophistes d’Alexandrie”, *Mnemosyne*, XLVIII, 2, (1995), 178-188.

V. A. SIRAGO, “ La Seconda Sofistica come espressione culturale della classe dirigente del II sec.”, *ANRW*, 33.1 (1989), 36-78.

S. SWAIN, “The Reability of Philostratu’s *Lives of Sophists*. *Classical Antiquity*, 10, (1991) 148-163.

T. WHITMARSH, “ ‘Greece is the World’: Exile and Identity in the Second Sophistic”, In: S. GOLDHILL (ed.) *Being Greek under Rome : Cultural Identity, the Second Sophistic and the Development of Empire*, Cambridge , Cambridge University Press, 2001, pp. 269-305.

A. R. VERGER, “Frontón e la Segunda Sofistica ”, *Habis*, 4 (1973) 115-126.

V. VON WILAMOVITZ-MÖELLENDORF, “Asianismus und Atticismus Lese Früchte”, *Hermes*, 35 (1900), 533-566.

[*] Agradeço o apoio institucional da CAPES, que através da concessão de uma bolsa PDEE, houve a oportunidade de pesquisa na biblioteca da Escola Francesa de Roma e de outros centros de pesquisa da cidade eterna, o que contribuiu para o levantamento de parte significativa da bibliografia citada neste trabalho. Agradeço ainda o apoio institucional da FAPESP, órgão financiador de minha pesquisa de doutoramento, pois este artigo é parte integrante dela.

- [1] Lívio Andrônico, 284- 204 a .C., nasceu em Tarento, e foi presa de guerra, sendo escravizado e enviado a Roma para servir o vencedor de Asdrúbal, Lívio Salinátor, do qual recebeu a manumissão anos mais tarde. Ver P. HARVEY, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*, trad. M. G. KURY, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, s.v.
- [2] Obra dedicada ao cônsul e governador da Bretanha, Antonio Gordiano, o qual descendia de uma abastada família eqüestre da Frigia, região da Anatólia.
- [3] J. BRUNA, “Apresentação”, In: PLATÃO, *Górgias*. Tradução, apresentação e notas de J. BRUNA, Rio de Janeiro, Bertrand, 1989, p. 17 e p. 20, respectivamente.
- [4] PLATÃO, *Górgias*, tradução, apresentação e notas de J. BRUNA, Rio de Janeiro, Bertrand, 1989.
- [5] Lembramos diálogos como *Protágoras* e *Timeu*.
- [6] Tradução da autora a partir do original grego contido no texto estabelecido por W. C. WRIGHT, Ver PHILOSTRATUS, *Lives of Sophists*, transl. W. C. WRIGHT, London/Cambridge/Massachusetts, Harvard University Press, 1952.
- [7] V. A. SIRAGO, “ La Seconda Sofistica come espressione culturale della classe dirigente del II sec.”, *ANRW*, 33.1 (1989), 36-37.
- [8] V. A. SIRAGO, *op.cit.*, pp. 37-43.
- [9] V. A. SIRAGO, *op.cit.*, pp. 74.
- [10] G. W. BOWERSOCK, *Greek Sophists in the Roman Empire*, Oxford , Clarendon Press, 1969, p. 8.
- [11] G. W. BOWERSOCK, *op. cit.*, pp. 16-30. Nas páginas seguintes, Bowersock argumenta que esses intelectuais da Segunda Sofística integravam o seleto grupo incentivado por Julia Domna, pp. 100-109.
- [12] Ainda que tenha concluído que os feitos dos gregos da época clássica maravilharam os intelectuais gregos do Império, Bowie foca sua análise no mito de Alexandre, comentando os escritos de Arriano e de Plutarco sobre as empresas do rei macedônio. A partir dessas narrativas, o autor afirma que esses autores simbolizam o afastamento dos gregos de sua realidade, o que é tratado por ele como um ato de resistência. Bowie cita ainda o caso de Filóstrato, que teria registrado em sua obra apenas os nomes gregos dos sofistas, embora eles tenham recebido um *nomen* comprobatório de sua cidadania romana em língua latina. Ver E. L. BOWIE, “Greeks and their Past in the Second Sophistic”, *Past & Present*, 46 (1970), 32-33.
- [13] E. L. BOWIE, *op. cit.*, p. 7 e pp. 38-39.
- [14] E. L. BOWIE , “The Importance of Sophists”, *Yale Classical Studies*, XXVII (1982), 29-30.
- [15] E. L. BOWIE (1982), *op. cit.*, pp. 54-55.
- [16] Bowie menciona os escritos de Dião Cássio, Polemão de Laodicéia, Herodes Ático e de Elíio Aristides, em que esses autores utilizaram suas obras para aconselhar os imperadores Vespasiano, Tito e Nerva. Dessa maneira, a natureza das obras dos sofistas não estava associada com a política imperial, antes um cunho prescritivo nos momentos de crise nas relações entre o Império e as cidades gregas, uma vez que pertencia a um movimento literário grego, e não político. Ver: E. L. BOWIE, “Appolonius of Tyana: Tradition and Reality”, *ANRW*, 16.2 (1978), 1668.
- [17] Bowersock denomina esses sofistas de “showmen”. Ver: G. W. BOWERSOCK,

“Philostratus” “Elio Aristides”, *The Cambridge History of Literature*, vol. I, 1985, pp. 655-661.

[18] G. W. BOWERSOCK, “Plutarch”, *The Cambridge History of Literature*, vol. I, 1985, pp. 665.

[19] I. AVOTINS, “Prosopographical and Cronological Notes on Some Greek Sophists of the Empire”, *Classical Antiquity*, 4 (1971) 67.

[20] C. P. JONES, “Two Enemies of Lucian”. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 13, 4 (1972), 484-487.

[21] C. P. JONES, *Culture and Society in Lucian*, Harvard/ Cambridge / London , Cambridge University Press, 1986, pp. 83-87.

[22] O estilo retórico ático, que se torna preponderante na metade do segundo século d.C. e no governo de Adriano, primava pela estética da simplicidade na forma e no seu conteúdo de sua obra, em contraposição ao discurso pomposo e repleto de imagens dos asiáticos. Ver E. CIZEK, “La littérature et les cercles culturels et politiques à l’époque de Trajan”, *ANRW*, 33.1 (1989), 15.

[23] B. P. REARDON, *Courant Littéraires Grecs de Iie et IIIe siècles après J.-C.*, Paris, Les Belles Lettres, 1971, pp. 26-27.

[24] Os exilados aos quais se refere o autor são Musônio Rufo, Dião de Prusa e Favorino de Arelate. Ver: T. WHITMARSH, “‘Greece is the World’: Exile and Identity in the Second Sophistic”, In: S. GOLDHILL (ed.) *Being Greek under Rome : Cultural Identity, the Second Sophistic and the Development of Empire*, Cambridge , Cambridge University Press, 2001, pp. 270-273.

[25] O autor retrata um grupo de intelectuais exilados que busca, no retorno ao passado glorioso dos atenienses, construir uma identidade literária e obter um espaço representativo no contexto literário do Império. O autor refere-se às expulsões de filósofos ocorridas nos governos de Vespasiano (69-79 d.C.) e de Domiciano (81-96 d.C.), que estimularam nesses intelectuais o sentimento de afastamento de sua realidade, isto é, de Roma como símbolo de opressão, luxúria e excessos, aliado ao de oposição ao poder imperial. Os pensamentos dos intelectuais dos gregos exilados manifestos em sua literatura, no entender do autor, refletem não apenas o exílio desses indivíduos, mas também o seu próprio grau de alienação da cultura grega, uma vez que suas interpretações ao idealizadas, por estarem fora de contexto. Ver: T. WHITMARSH, *op. cit.*, pp. 303-304.

[26] A. GRAHAM, *The Second Sophistic: a Cultural Phenomenon in the Roman Empire*, London / New York , Routledge, 1993, p. 2.

[27] A. GRAHAM, *op. cit.*, p. 132.

[28] A. GRAHAM, *op. cit.*, p. 149.

[29] Flexibilidade e ambigüidade equivalentes à posição ocupada por esses intelectuais no quadro social romano. Ver A. GRAHAM, *op. cit.*, pp. 236-237.

[30] A. GRAHAM, “The *pepaideumenos* in Action: Sophists and their Outlook in the Early Empire”, *ANRW*, 33.1 (1989) 104-105. Sobre a associação entre a Sofística e a *paidéia*, ver também o estudo de caso feito com a escrita de Luciano, de Graham Anderson: “Lucian: a sophist’s as sophist”, *Yale Classical Studies*, XXVII (1982), 61-92.

[31] É interessante notar que, na avaliação de A. R. Verger, tanto intelectuais romanos quanto os gregos trazem em seus escritos as mesmas características literárias, além de consultarem os mesmos autores. Verger vale-se do exemplo de Frontão (100-167 d.C.), orador nascido na

Numídia, professor de Marco Aurélio, cónsul em 145 d.C., e conhecido por seus discursos contra os cristãos, para discorrer sobre as semelhanças entre sua obra e as demais produzidas no Império. De acordo com suas palavras : “o ponto mais relevante da oratória de Frontão são as *laudes*, as histórias fabulosas de Arião (história original de Heródoto, utilizada por Aulo Gélío, Apuleio, Dião de Prusa e Luciano) e Polícrates (também copiada de Heródoto por Frontão, Dião de Prusa, Luciano, Pausânias e Apuleio, em sua obra *De bello Parthico*, para consolar Marco Aurélio em sua derrota na Partia), e o gosto arcaizante que adorna toda a sua obra”, com esses elementos Verger infere que os temas selecionados pelos intelectuais da Segunda Sofística eram parecidos. Ver: A. R. VERGER, “Frontón e la Segunda Sofística”, *Habis*, 4 (1973), 115-116.

[32] A. R. VERGER, *op. cit.*, p. 125.

[33] Os oradores poderiam ser classificados seja por sua atuação no campo da retórica judiciária ou por seu desempenho pedagógico, isto é, aqueles especializados no ensino da arte retórica, porém inábeis nos tribunais, os sofistas. Ver: P. A. BRUNT, “The Bubble of the Second Sophistic”, *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, 39 (1994), 25-31.

[34] Ver: P. A. BRUNT, *op. cit.*, pp. 34-37. Brunt se remete ao artigo de Wilamovitz, onde o autor alerta seus leitores sobre a ilusão criada por Filóstrato ao descrever efusivamente as atividades dos oradores, demonstrando uma grande florescência dos sofistas gregos, em especial a partir do final do primeiro século d.C. Wilamovitz demonstra como o exagero da importância da Segunda Sofística na história imperial romana resulta de análises centradas nas palavras de Filóstrato, cujas afirmações carecem de fontes e de dados confiáveis. Ver: V. VON WILAMOVITZ-MÖELLENDORF, “Asianismus und Atticismus Lese Früchte”, *Hermes*, 35 (1900), 533-566. Não obstante às conclusões dos autores em epígrafe, alguns estudos, apoiados em fontes epigráficas, concluem pela veracidade dos registros filostratianos. Ver, por exemplo, P. SCHUBERT, “Philostrate et les sophistes d’Alexandrie”, *Mnemosyne*, XLVIII, 2 (1995), 178-188 e S. SWAIN, “The Reability of Philostratu’s *Lives of Sophists*. *Classical Antiquity*, 10 (1991), 148-163.

[35] P. A. BRUNT, *op. cit.*, p. 46.

[36] Estamos aqui nos referindo à teoria foucaultiana das quatro similitudes, a saber, a *convenientia* (uma semelhança ligada ao espaço na forma da “aproximação gradativa”), a *aemulatio* (uma espécie de geminação natural das coisas; nasce de uma dobra do ser, cujos dois lados imediatamente se defrontam), a *analogia* (que detentora de reversibilidade e polivalência que conferem à analogia um campo universal de aplicação) e a quarta semelhança esta no que Foucault chama de “jogo das *simpatias*” (a simpatia é uma instância do *Mesmo* tão forte e tão contumaz que não se contenta em ser uma das formas do semelhante; tem o perigoso pode de *assimilar*, de tornar as coisas idênticas umas às outras, de misturá-las, de fazê-las desaparecer em sua individualidade). Nos parênteses, as definições dos termos são dadas pelo próprio autor. Ver: M. FOUCAULT, *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, São Paulo, Martins Fontes, 2000, pp. 23-32.

Índice

